



## TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DESAFIOS VIVENCIADOS PELAS FAMÍLIAS

### AUTISM SPECTRUM DISORDER: CHALLENGES EXPERIENCED BY FAMILIES

André Ricardo Finger<sup>1\*</sup>, Gabriele Schek<sup>2</sup>, Paulo Roberto Mix<sup>3</sup>, Flávia Albuquerque<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Enfermeiro residente Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa (RS), Brasil. <sup>2</sup>Docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem das Faculdades Integradas Machado de Assis, Santa Rosa (RS), Brasil. <sup>3</sup>Docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem das Faculdades Integradas Machado de Assis, Santa Rosa (RS), Brasil. <sup>4</sup>Docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem das Faculdades Integradas Machado de Assis, Santa Rosa (RS), Brasil.

\*Autor correspondente:  
Gabriele Schek – Email:  
gabriele@fema.com.br.

Recebido: 25 fev. 2024  
Aceito: 10 abr. 2024

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons.



**RESUMO:** O Transtorno do Espectro Autista se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem. Objetivo: identificar os desafios enfrentados por pais e/ou cuidadores de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Metodologia: estudo qualitativo, exploratório e descritivo que parte das experiências de três famílias que possuem crianças com TEA. Para a coleta de dados, foi realizado um encontro com as famílias por meio do grupo focal. Os dados foram analisados com base na análise textual discursiva. Resultados: Os dados apontam que os desafios enfrentados pelas famílias são as incertezas frente ao diagnóstico de TEA e o desenvolvimento dos filhos; as dificuldades de acesso as terapias e o preconceito. Conclusão: o conhecimento acerca dos desafios enfrentados pelas famílias diante o diagnóstico de TEA é fundamental para o planejamento de um assistência com equidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crianças.Família. Transtorno de Espectro Autista.

**ABSTRACT:** Autism Spectrum Disorder refers to a series of conditions characterized by some degree of impairment in social behavior, communication, and language. Objective: to identify the challenges faced by parents and/or caregivers of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD). Methodology: qualitative, exploratory, descriptive study based on the experiences of three families with children with ASD. For data collection, a meeting was held with the families through the focus group. Data were analyzed based on discourse analysis. Results: the challenges faced by families are represented by uncertainty regarding the diagnosis of ASD and the development of their children; difficulties in accessing therapies and prejudice. Conclusion: knowledge about the challenges faced by families when diagnosed with ASD is fundamental for planning assistance with equity.

**KEYWORDS:** Children. Family. Autism Spectrum Disorder.

## INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva.<sup>(1)</sup> Destaca-se ainda que 40% das pessoas portadores de TEA podem apresentar comorbidades relacionadas com até dois ou mais transtornos mentais.<sup>(2,3)</sup>

De acordo com o Ministério da Saúde, estima-se que no Brasil existem 2 milhões de pessoas diagnosticadas com TEA.<sup>(4)</sup> Nos Estados Unidos, estudo desenvolvido pelo Centers for Disease Control and Prevention (CDC) em 2021 revelou números crescentes de diagnósticos, com um índice de prevalência de 1 para cada 36 crianças de até 8 anos de idade.<sup>(5)</sup> A ascensão de diagnósticos de TEA também vem sendo observado na União Europeia, exigindo dos governos o aumento da qualidade dos serviços que atendem as crianças bem como suas famílias.<sup>(6)</sup>

O momento da revelação do diagnóstico de TEA é desafiador para a família, visto que, os pais tendem a planejar toda a vida da criança, idealizando um crescimento e desenvolvimento saudável e sem interferências. No entanto, este processo se mostra comprometido quando os pais se deparam com realidades que fragilizam suas expectativas de um filho “ideal”, como é o caso do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA).<sup>(7)</sup> Estes aspectos se tornam ainda mais difíceis quando os pais desconhecem o transtorno, o que os fazem se sentir culpados e frustrados.

Estudo que objetivou descrever e analisar as experiências familiares a partir do momento em que os seus filhos receberam o diagnóstico do TEA apontou que as condições socioeconômicas e culturais das famílias podem refletir diretamente na forma como enfrentam o diagnóstico, em função da acessibilidade à orientação especializada e aos recursos profissionais. Ademais, a busca do conhecimento, por parte da família se constitui como uma importante ferramenta para lidar com as demandas provenientes do TEA.<sup>(7)</sup>

O tratamento comportamental e os programas de treinamento de habilidades para os pais, tendem a apresentar efeitos positivos, reduzindo as dificuldades de comunicação e melhorando o comportamento social, possibilitando melhor qualidade de vida das pessoas que vivem com TEA assim como para seus familiares e/ou cuidadores.

Os “rótulos” frequentemente impostos pela sociedade à pessoa com TEA constitui-se como um grande desafio para os familiares desde o momento do diagnóstico até a busca por intervenções. Quando rotulados, as crianças com TEA são passíveis de intervenções clínicas-pedagógicas mais engessadas que deixam de considerar a singularidade do indivíduo.<sup>(8)</sup>

Atenta-se ainda para a violação dos direitos humanos e discriminação assim é necessário que a temática envolvendo o TEA ganhe mais espaço no meio científico, sobretudo pelo aumento no número de crianças diagnosticadas.<sup>(9)</sup> Nesta perspectiva, torna-se indispensável a participação tanto dos pais, professores e profissionais de saúde na elaboração de estratégias de promoção à saúde de crianças com TEA, por meio de aconselhamentos, orientações, apoio social com uma abordagem humanizada, visto a complexidade e o impacto do diagnóstico na família.<sup>(10)</sup>

Com base no exposto, este estudo tem como objetivo identificar os desafios enfrentados por pais e/ou cuidadores de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

## MÉTODOS

Estudo qualitativo, do tipo exploratório e descritivo que parte das experiências e da compreensão da vida cotidiana de três famílias que possuem crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. As famílias foram recrutadas por meio da Associação dos Autistas de um município localizado na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Esta entidade atua para a garantia dos direitos das pessoas com TEA.

Os dados foram coletados em agosto de 2023 por meio de um Grupo Focal (GF). Inicialmente, oito famílias confirmaram a participação na atividade, todavia, no dia em que o GF foi desenvolvido, apenas três famílias puderam estar presentes. Embora autores como Flick<sup>(11)</sup> sugerem que o GF seja constituído por no mínimo cinco e no máximo nove participantes, neste estudo, mesmo com a participação de três famílias, optou-se por manter a dinâmica e as etapas do GF, visto que, ele tem como objetivo identificar entre os participantes suas percepções, sentimentos e ideias, possibilitando a compreensão de diversos pontos de vista e processos emocionais, advindo do próprio contexto de interação criado.

Foi realizado um encontro, com duração de 1 hora e 30 min. Para o desenvolvimento do GF foi seguido um roteiro constituído por 2 momentos: no primeiro, foi apresentado um vídeo sobre no qual um pai relata o amor com relação ao seu filho com TEA; após o vídeo disparador, iniciou-se o segundo momento em que as mães debateram sobre os desafios cotidianos associados ao TEA. O registro das interações e observações foi realizado pelos moderadores (pesquisadores deste estudo). Foi utilizado um gravador de áudio disposto adequadamente na mesa para cobrir ao máximo as participações dos integrantes do grupo. Como mecanismo para estímulo e desenvolvimento dos encontros do GF foi utilizado um guia de tópicos ou roteiro com questões abertas.

Para preservar o anonimato, as famílias foram identificadas pela letra F, seguida da ordem em que iniciaram as suas falas, exemplo: F1, F2 e F3. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição ao qual está vinculado, com registro sob o número 6.226.505 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética sob o número 70562123.6.0000.5354.

A técnica de análise de dados foi a textual discursiva, seguindo as etapas: identificação dos enunciados referentes os desafios enfrentados por pais e/ou cuidadores de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA); desmontagem das entrevistas, identificando e codificando cada fragmento destacado, formando as unidades de análise. Em seguida, passou-se para a construção de relações entre as referidas unidades, agrupando seus elementos em um processo denominado de categorização.<sup>(12)</sup>

## RESULTADOS

### DA BUSCA PELO DIAGNÓSTICO AO INÍCIO DO ACOMPANHAMENTO: UM GRANDE CAMINHO PERCORRIDO

Esta categoria coloca em evidência os inúmeros desafios enfrentados pelas famílias na busca por um diagnóstico até o início das intervenções. O primeiro desafio encontrado pelas mães que participaram deste estudo foi vencer os julgamentos sociais e dos próprios familiares, que por muitas vezes desconsideraram as suspeitas que eram frequentemente levantadas por estas mães conforme evidenciado nas falas abaixo:

“Meu marido dizia que eu estava ficando loca, que eu estava criando coisas, que a minha filha era normal e que eu estava vendo coisas que não existiam.” F2

“Muitas vezes a família acha que tu tá inventando doença, então tu acaba te frustrando.” F3

Diante destes julgamentos as mães entrevistadas neste estudo destacam o caminhar solitário que enfrentaram para a busca de um diagnóstico, pois embora elas tivessem a certeza de que haviam aspectos comportamentais e do desenvolvimento dos seus filhos que necessitavam de uma investigação, tais impressões não eram validadas por seus familiares.

“Muitas vezes a gente sente muito só. É um caminhar sozinho.” F1

“Hoje eu também percebo essa solidão, principalmente na família.” F2

Depois de ultrapassarem as barreiras relacionadas a falta de apoio da família, outro grande desafio encontrado pelas mães entrevistadas neste estudo está relacionada aos sentimentos de medo, incertezas e inseguranças frente ao diagnóstico de autismo do seus filhos. A falta de conhecimento sobre o transtorno do espectro autista e de como será a vida do seu filho a partir deste diagnóstico despertou uma série de sentimentos, conforme os fragmentos de fala retirados do grupo focal apresentados abaixo:

“Não podia nem sonhar que era autismo, a única vez que eu tinha ouvido falar em autismo foi em uma novela.” F1

“A descoberta em si não é fácil. A gente vivencia um luto, é demorado. Quando tu engravida tu que teus filhos saudável, com saúde. Tudo isso dá muito medo.” F3

O sentimento de frustração também foi algo relatado pelas mães entrevistadas neste estudo, especialmente, porque não desejavam que seus filhos fossem diagnosticados com qualquer condição que pudesse atrapalhar o pleno desenvolvimento destas crianças.

“No dia que recebemos o diagnóstico de autismo da minha filha, meu marido saiu do consultório e foi direto para emergência. Ele ficou nervoso, passou mal, foi bem difícil. A partir do diagnóstico, tudo teve que mudar, o meu marido já tinha planejado todo o futuro dela. Ele teve que viver um luto dele.” F2

Após o diagnóstico, seguem os desafios encontrados pelas crianças com diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista e suas famílias. São inúmeras as possibilidades de intervenção para crianças com TEA, visto que, elas visam estimular o desenvolvimento destas crianças proporcionado maior independência em vários aspectos da vida. Todavia, o acesso as terapias, o acompanhamento com fonoaudiólogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais nem sempre estão acessíveis a todas as famílias, o que causa preocupação conforme descrito no relato abaixo:

“A questão financeira puxou muito Minha filha precisava fazer várias terapias. A renda não comporta tudo. O plano de saúde não cobria, aí foi uma luta né. Fomos cancelando coisas que a gente tinha, pra poder juntar um dinheirinho, pra poder pagar as terapias”. F2

“Aqui no município tem que ter uma responsabilidade maior. Eles fecham os olhos pra algumas atitudes de alguns órgãos. A saúde é um ponto que tem que ser levado mais a sério.” F3

## DO PRECONCEITO À EXCLUSÃO: O VIVER COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Um dos aspectos mais evidentes na fala das mães que participaram do grupo focal faz referência a exclusão e o preconceito vivenciados diariamente e em várias esferas da vida cotidiana. O preconceito passa a ser sentido desde muito cedo e se dá no próprio meio familiar.

“Até hoje sabe, tem pessoas da minha família que não procuram meu filho. Não sei se é vergonha em função do autismo. Parece que na minha família não pode ter sabe autismo, foi isso que no fundo eu sinto, mas enfim”. F3

O preconceito e o sentimento de exclusão também pode ser sentido nos ambientes escolares, os quais, na percepção das mães que participaram do grupo focal ainda não estar preparados para uma educação inclusiva.

“Na escola, quando vai fazer a matrícula é difícil, é uma luta todo dia. Agente vive tentando incluir a filha e fazer ela viver como os outros. A gente sabe que ela vai ter suas dificuldades, que não vai acompanhar a turma, mas ela vai precisar estar junto com os outros”. F2

Ainda com relação as dificuldades encontradas pelas crianças com TEA e seus familiares, estas transcendem o ambiente familiar e escolar e são percebidas também dentro dos serviços de saúde que, na percepção das mães, estes espaços não são pensados para atender crianças com diagnóstico de TEA. A falta agilidade no atendimento, o tempo de espera e a falta de preparo dos profissionais de saúde contribuem para a desorganização da criança.

“Ela internou uma vez, ela se transformou em uma outra criança que eu desconhecia. Eu não conseguia controlar ela e ela chorava, ela empurrava e eu tentava conversar com ela. Nós estávamos em um quarto semi-privativo e eu via que as pessoas ficavam olhando e não ajudavam. Entrou uma técnica em enfermagem que também não sabia o que fazer. Eu senti isso, que ninguém me ajudava”. F1

“O problema do hospital é mais crítico ainda. Eu levo minha filha para consulta e ela não espera, ela não sabe o que é esperar. O autista não espera e isso desorganiza muito, desorganiza totalmente eles”. F1

Por fim, as mães elencaram que o preconceito contra a criança com TEA esta intrínseco na sociedade. Nesta perspectiva, as famílias muitas vezes são julgadas e responsabilidades pelos comportamentos julgados como “inconvenientes” pelas pessoas.

“Tem horas que as crianças que gritam, que choram...os supermercados, as lojas, elas poderiam olhar com outros olhos para as crianças autistas. As lojas poderiam talvez receber algum tipo de treinamento para poder entender um pouco mais sobre o autismo.” F1

“Eu fui no supermercado, não tinha quase ninguém, quando eu fui pagar, olhei pro lado e cadê meu filho? Gente eu me desesperei por aquele mercado, comecei a chamar ajuda e ninguém veio de ajudar. A falta de empatia deles foi algo difícil de lidar.” F3.

## DISCUSSÃO

O diagnóstico de Transtorno de Espectro Autista constitui-se como um momento delicado e difícil para a família, visto que, um filho com características atípicas trará mudanças na dinâmica familiar, impondo desafios e colocando a prova os limites da maternidade e paternidade.<sup>(13)</sup> No contexto das mães com filhos diagnosticados com TEA o sentimento de culpa muitas vezes é evidenciado e está relacionado a culpa por ter gerado um filho fora dos padrões socialmente considerados normais.

Estes aspectos são influenciados pela construção social de gênero, em que os homens estão ligados à esfera de vida econômica e política, enquanto as mulheres assumem a responsabilidade pela esfera privada do lar, assim, o cuidado com os filhos passa a ser inteiramente de sua responsabilidade.<sup>(14)</sup>

No momento do diagnóstico de um filho com TEA autores destacam que é comum que os pais reajam ao desconhecido com sentimentos de negação, angústia, tristeza, descrença, pois este momento constitui-se em um marco de um novo ciclo. A busca de conhecimento, da aceitação social da criança com TEA constitui-se uma grande desafios para os pais e cuidadores.<sup>(15)</sup> Estudo realizado na literatura nacional destaca que a mães de indivíduos com TEA frequentemente manifestam sintomas clínicos de estresse, depressão e ansiedade.<sup>(15)</sup>

Ainda em relação ao contexto familiar, autores desatacam que as famílias necessitam mudar suas rotinas e com isso, surgem dificuldades financeiras, necessidade de fazer trabalhos informais ou horas extras, ou até mesmo o abandono do trabalho principalmente pela mãe. Em consequência, surgem problemas conjugais devido à dificuldade de encontrar tempo para a relação e por vezes, a vergonha a sensação de fracasso e a insegurança do pai acaba motivando a separação do casal.<sup>(14)</sup>

Nesta perspectiva, os cuidados com a criança com TEA devem ser estendidos para família, visto que, é comum a família dar uma atenção maior às inadequações dos filhos e não se atentar aos seus potenciais e habilidades das crianças. Focar nas potencialidades da criança requer uma proporção maior de atenção, tolerância, persistência e disciplina. A falta de conhecimento dos pais, por vezes acarreta na superproteção destas crianças fazendo com que o desenvolvimento das habilidades sociais seja ainda mais prejudicada.<sup>(16-17)</sup>

Estudos apontam que o suporte social e apoio emocional ofertado as famílias são importantes, pois contribuem para que estas consigam enfrentar as necessidades da criança com TEA, amenizando o sofrimento, a ansiedade e o estresse, colaborando para o fortalecimento familiar e promovendo o bem-estar.<sup>(18-19)</sup>

Em relação aos aspectos legais, de acordo com as Leis nº12.764/2012 e 13.146/2015 o autista é considerado para fins legais portador de deficiência, desta forma ambas visam garantir os direitos destas pessoas e dentre eles o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes garantindo o caráter prioritário tanto no SUS (gratuito) quanto na rede privada.<sup>(20-22)</sup> Todavia, nem sempre os estados e municípios conseguem garantir este atendimento integral à saúde da pessoa com TEA.

No Brasil, um dos maiores desafios é conscientizar a sociedade de sua responsabilidade na gestão de políticas públicas, com enfoque nas demandas advindas da população infantojuvenil, em especial, dos pertencentes a grupos mais vulneráveis. Faz-se necessário que se estabeleça a relação entre o conjunto de necessidades sociais e a prática efetiva em consonância com as regras estabelecidas pela Constituição Federal e com o Estatuto da Criança e do Adolescente.<sup>(23)</sup>

Muitas crianças diagnosticadas do TEA são vítimas de preconceito em vários contextos. No ambiente escolar, muitas crianças podem ser vistas como agressivas e incapazes de conviver

socialmente e de aprender o que muitas vezes poder ser utilizado como justificativa para a não aceitação destas crianças em um escola regular. <sup>(24)</sup>

Com relação ao atendimento da criança com TEA nos serviços de saúde, estudo revela a falta de preparo para a assistência tendo em vista a dificuldade destes profissionais em compreender o mundo do autista, em se comunicar com a criança, em estabelecer confiança e criar vínculo.<sup>(8)</sup> Algumas dificuldades também foram evidenciadas em países da União Europeia, dentre elas a demora de alguns profissionais em abordar as preocupações iniciais expressadas pelos pais e, conseqüentemente, o atraso no diagnóstico<sup>(6)</sup>.

Diante da complexidade do TEA e dos desafios que a condição impõe aos pais/ cuidadores dessas crianças faz-se necessário compreender o TEA de forma aprofunda dentro de sua singularidade para que os profissionais da saúde possam proporcionar de forma mais assertiva o cuidado integral em saúde.<sup>(8)</sup>

Por fim, acerca da representação social da criança com diagnóstico de TEA, estudo realizado com estudantes universitários apontou que as palavras evocadas para representar uma criança com autismo foram dificuldade, isolamento, doença e deficiência. Destaca-se ainda está representação social pode interferir na autoestima dessas crianças, pois podem perceber suas vidas sendo limitadas e a categorizações e estereótipos sociais.<sup>(25)</sup> As situações de desprezo e rejeição se constituem como fatores que interferem de maneira negativa nos direitos como acesso à educação, religião, saúde, lazer e bem-estar.<sup>(26)</sup>

## CONCLUSÃO

O presente estudo objetivou identificar quais são os desafios encontrados por pais e ou cuidadores de crianças com diagnóstico de TEA. A partir dos relatos dos participantes da pesquisa pode-se perceber que apesar de existir legislação específicas que tratam dos direitos das pessoas com autismo, a sociedade, de um modo geral, possui dificuldades em acolhe-los.

Evidenciou-se que além da existência de preconceitos sociais que por si só dificultam a vida das crianças com autismo e suas famílias, o preconceito também se manifesta por aqueles que deveriam acolher a criança, como por exemplo, profissionais de saúde e educação, que por vezes, dificultam o ingresso de crianças com autismo nas escolas regulares, contribuindo para os estigmas associados ao TEA.

Desta forma percebe-se que é de fundamental importância o desenvolvimento de estudos que estejam dispostos a desvendar as nuances que permeiam o dia a dia de pessoas das pessoas que vivem com TEA e suas famílias. Na prática, estes estudos podem contribuir para a diminuição dos preconceitos relacionados ao transtorno, bem como subsidiar a elaboração de políticas públicas voltadas a promover a saúde a equidade social.

Estudos semelhantes devem ser encorajados pois isoladamente, tais resultados evidenciam a realidade de uma parcela pequena de mães imersas em uma cultura regionalizada e pontual. Em seu conjunto, os estudos envolvendo esta temática podem contribuir para a redução do preconceito, estigmatização e injustiças sociais vivenciadas de forma corriqueira pela população que vive com TEA e seus familiares.

## REFERÊNCIAS

1. OPAS. Transtorno do espectro autista (2022). Organização Pan-Americana de Saúde. Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>
2. Fombonn E. Current issues in epidemiological studies of autism. *Psicol Teor Prat.* 2019; 21(3): 405-17. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v21n3p405-417>.
3. Hayes J, Ford T, Rafeeqe H, Russell G. Clinical practice guidelines for diagnosis of autism spectrum disorder in adults and children in the UK: a narrative review. *BMC Psychiatry.* 2018;18(1): 222. DOI: 10.1186/s12888-018-1800-1.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/171-transtorno-do-espectro-autista-precisa-de-mais-visibilidade-afirmam-conselheiros-de-saude#:~:text=No%20Brasil%2C%20estimam%2Dse%20,em%20tratamento%20psiqui%C3%A1trico%20ou%20psicol%C3%B3gico>.
5. Maenner MJ, Shaw KA, Bakian AV, Bilder DA, Durkin MS, Esler A, Furnier SM, et al. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2018. *Surveillance Summaries.* 2021;70(11):1–16. DOI:[http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss7011a1external icon](http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss7011a1external%20icon).
6. De la Paz MP, Canal - Bedia R. El Trastorno del Espectro Autista en la unión europea (ASDEU). *Siglo Cero.* 2021; 52(2): 43-59. DOI: <https://doi.org/10.14201/scero20215224359>
7. Freitas ASL, Jesus KS, Nascimento VG. Meu filho é autista, e agora? Estratégias de enfrentamento familiar perante o diagnóstico do autismo. *PerCursos.* 2020; 21(47):171 -196. DOI: <https://doi.org/10.5965/1984724621472020171>.
8. Silva LS, Furtado LAR. O sujeito autista na Rede SUS: (im)possibilidade de cuidado. *Revista de Psicologia.* 2019; 31(2):119-29. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5635>
9. Filho FJF et al. Jogo de tabuleiro para crianças com autismo: desenvolvendo autonomia e Habilidades sociais. *Saud Pesq.* 2023; 16(1):e-11293. DOI: 10.17765/2176-9206.2023v16n1.e11293.
10. Fontana LB, Pereira DS, Rodrigues TP. O impacto do transtorno autista nas relações familiares. *Brazilian Journal of health Review.* 2020; 3(3): 6336-40. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n3-185>.
11. FLICK, U. Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009
12. Cervo AL, Bervian PA, Silva R. Metodologia Científica. Pearson Prentice Hall. 6° edição. São Paulo. 2007.
13. Freitas JL. Transtorno de Espectro Autista (TEA) - Pós-Diagnóstico. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Uberaba. Uberaba, p. 35. 2022. Disponível em: <https://repositorio.uniube.br/bitstream/123456789/2077/1/JENNY%20LUCIO%20DOS%20SANTOS.pdf>
14. Dantas KO, Neves RF, Ribeiro KSQS, Brito GEG, Batista MC. Repercussões do nascimento e do cuidado de crianças com deficiência múltipla na família: Uma metassíntese qualitativa. *Cad. Saúde Pública.* 2019; 35(6):e00157918. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00157918>.
15. Alves JS, Gameiro ACP, Biazzi PHG. Estresse, depressão e ansiedade em mães de autistas: Revisão nacional. *Rev. Psicopedagogia* 2022; 39(120):412-24. DOI: 10.51207/2179-4057.20220031.
16. Santos AAD, Rios AG, Almeida FCR, Arantes FMA, Rodrigues FF, Arantes LPG, et al. O olhar da família e da escola para crianças com transtorno do espectro autista – TEA. *Revista Liberum Accessum.* 2020; 2 (2): 1-15.
17. Pereira JRS, Taveiros MR, Silva ALO, Santos JLBS, Gallotti FCM. Autismo: lidando com as dificuldades e perspectivas do cuidado. *Ciências Biológicas e de Saúde Unit.* 2021; 6(3):33-46 .

18. Carlsson T, Mattsson E. Peer Support Experienced by Mothers of Children With Congenital Heart Defects in Sweden. *J Fam Nurs*. 2022;1(9): 142-150. DOI: <https://doi.org/10.1177/10748407211067788>.
19. Watson E. The mechanisms underpinning peer support: a literature review. *J Ment Health*. 2019; 28(6): 677-88. DOI: <https://doi.org/10.1080/09638237.2017.1417559>
20. Lopes BA. Não Existe Mãe-Geladeira Uma análise feminista da construção do ativismo de mães de autistas no Brasil (1940-2019). Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas). Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná. 291p. 2019. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2922/1/BRUNA%20ALVES%20LOPES.pdf>
21. Brasil. LEI Nº 12.764. Brasília. 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm)
22. Brasil. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)
23. Botelho BHF, Da Costa MMM. Autismo, relações familiares e a necessidade de políticas públicas efetivas de proteção aos direitos fundamentais deste grupo. *Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas*. 2023; 1(2): 1-25. DOI: <https://doi.org/10.25245/rdspp.v11i2.1092>.
24. Andrade, RB. Estereótipos e preconceito contra pessoas com transtorno do espectro autista. Universidade Federal de Sergipe. Mestrado em Psicologia. São Cristovão, Sergipe. 2022. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/15945/2/RAQUEL\\_BARCELOS\\_ANDRADE.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/15945/2/RAQUEL_BARCELOS_ANDRADE.pdf)
25. Oliveira AFTM, Schmidt C. Bullying e Transtorno do Espectro Autista (TEA): o que nos revelam as autobiografias?. *Educação e Pesquisa*. 2023; 49(e251469):1-25. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349251469>.
26. Mapelli, LD, Barbieri MC, Castro G, Wernet M, Dupas G. Child with autistic spectrum disorder: care from the family. *Esc. Anna Nery*. 2018, 22(4):1-9. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0116>.